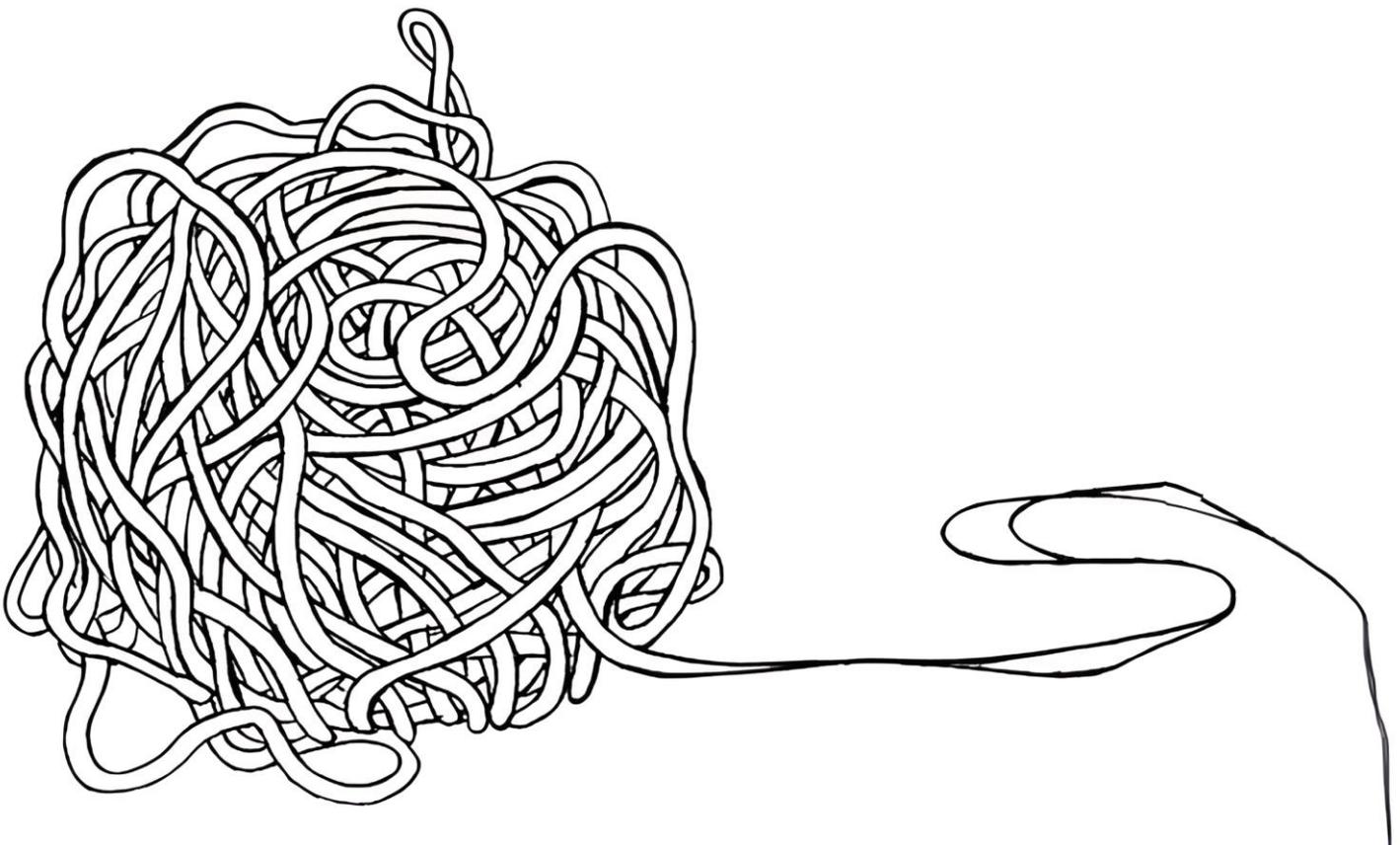
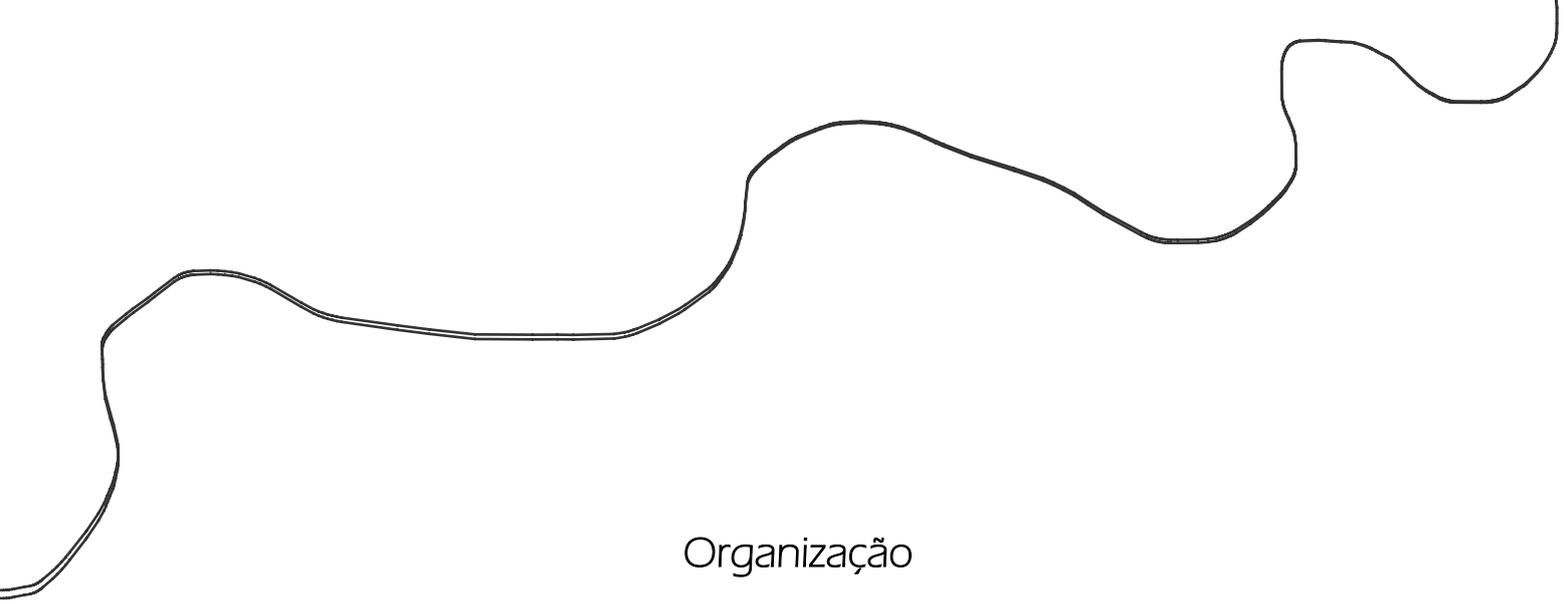


PsicoPolíticas do texto

ORGANIZADORAS

ALINE REIS CALVO HERNANDEZ | PATRÍCIA BINKOWSKI





Organização

Aline Reis Calvo Hernandez

Patrícia Binkowski

Comissão Editorial

Luciano Bedin da Costa (UFRGS)

Larisa da Veiga Vieira Bandeira (UFRGS)

Jezebel Maria Guidalli De Carli (UERGS)

Bibliotecário Responsável

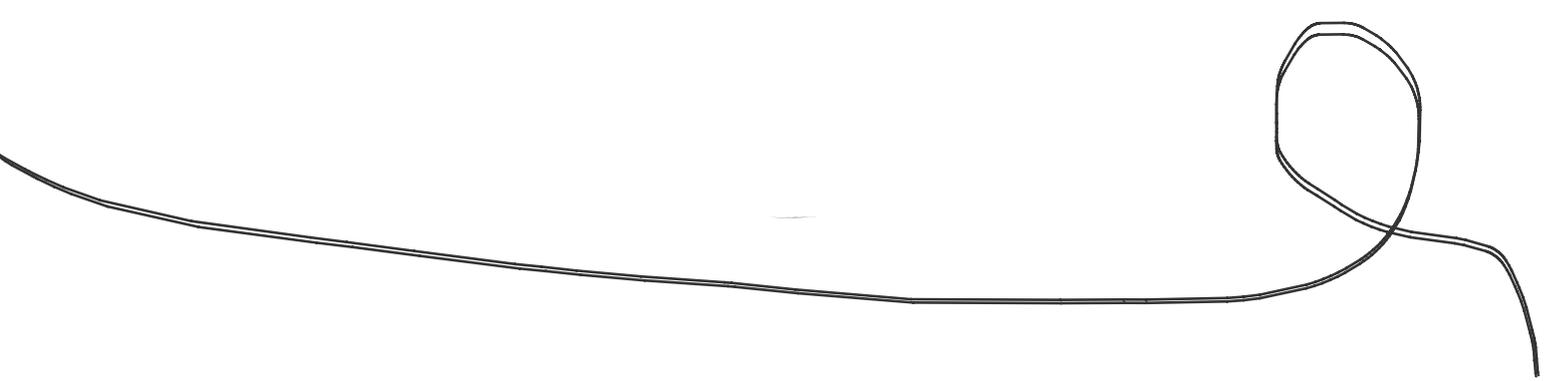
Marcelo Bresolin

Diagramação e Projeto Gráfico

Bruno Binkowski

Ilustrações

Ana Coronas de Souza



Psicopolíticas do texto



ORGANIZADORAS

ALINE REIS CALVO HERNANDEZ | PATRÍCIA BINKOWSKI



SÃO FRANCISCO DE PAULA/RS

UERGS

2022

Todos os direitos reservados.

© 1. ed. 2022 – Organizadoras da Publicação e Uergs.



Creative Commons License

E-book – PDF



Catálogo de publicação na fonte (CIP)

P974 Psicopolíticas do texto/ Organizadoras: Aline Reis Calvo Hernandez;
 Patrícia Binkowski. – São Francisco de Paula - RS: UERGS, 2022.

 Série Ambiente e Sustentabilidade, n. 5
 56 f.; il. E-book - pdf
 ISBN 9786586105452

 1 Disciplina Psicologia Política. 2. Experiências Psicopolíticas. 3.
 Vivências Psicopolíticas. I. Hernandez, Aline Reis Calvo. II. Binkowski,
 Patrícia. III. Título.

 CDU 159.9:32

Bibliotecário Marcelo Bresolin – CRB 10/2136

Palavras iniciais

Aline Hernandez & Patrícia Binkowski

[Chat] 16:10 Julia Clasen

uma dúvida só sobre o texto final, ficou definido um estilo de texto comum ou isso fica aberto?

Fica aberto, Julia.

Essa é a proposta das políticas de texto.

O texto como um território a ser ocupado, um lugar de...

sentir o que fazemos com as palavras e o que as palavras fazem com a gente...

Políticas do texto, um atalho para chegar aos conhecimentos com fruição e leveza, no contorno dos afetos, cognições, gestos e pensamentos.

O texto é sempre carnal e frequentemente não é humano, nem acabado, nem homem. (Donna Haraway, 2021, p. 25).

Porque nos interessam os rascunhos, os blocos de apontamentos em que se registra o que sentimos, pensamos, poetizamos... o que guardamos de uma teoria, de uma conversa, de algo que vimos, ouvimos, e que fez sentido em nossas vidas.

Nos interessam os textos provisórios, in/acabados.

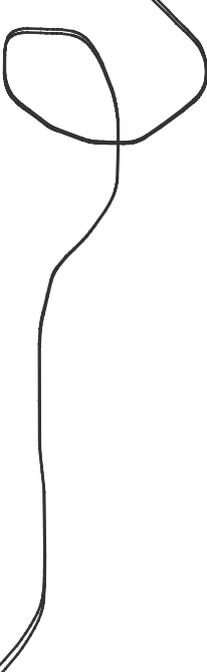
Um estilo de texto comum, Julia.

Palavra, gesto coletivo.

Um livro não precisa ser um quadrado apertado demais.

Um livro, objeto transcendente para com/partilhar...

Palavra em ato. Escrever como ato político.



Tomando as palavras para si.

Um livro, sim, porque é preciso guardar espaços para a palavra se manifestar...

Esse é um livro sobre as experiências psicopolíticas que vivemos em aula, nos encontros remotos da disciplina Psicologia Política, Mudança Social e Ação Pública no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sustentabilidade da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, de novembro de 2021 a janeiro de 2022.

[Chat] 11:59 Patrícia Binkowski
abram suas câmeras

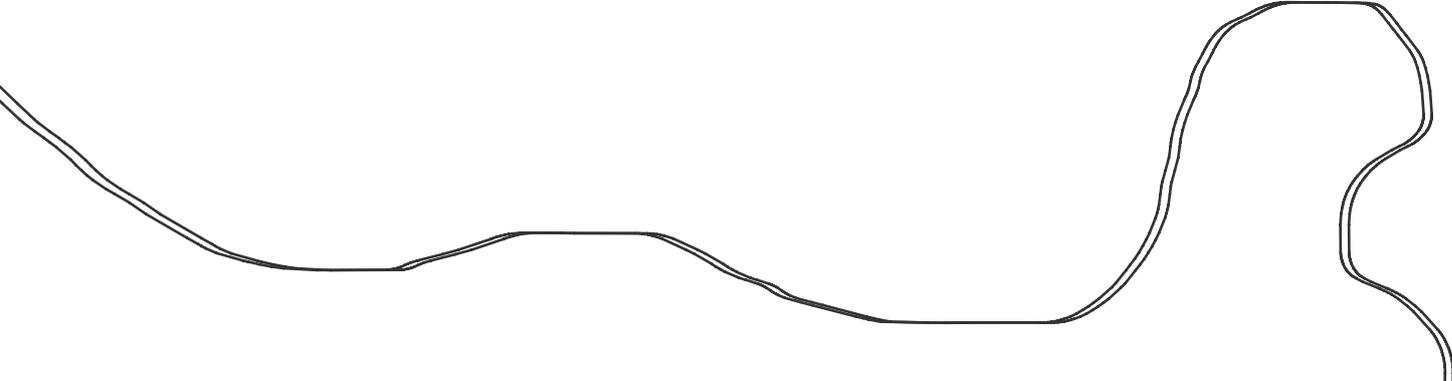
[Chat] 19:45 Aline Hernandez
a nossa convidada está com problemas de conexão, ela está na ocupação, sem luz...

Esse livro foi escrito a muitos corações e mãos...

[Chat] 16:01 Jeferson Luís da Silva Rosa
Uma turma que tem só gente especial, cada um com suas grandes habilidades. Eu apelido alguns: o Rei do Pampa, O Rei do Excel, A Rainha da Erva Mate, A Rainha do Canvas, a Fashion Humanitária, hehehe.

Esse é um livro sobre experiências políticas, vivências relacionadas a conteúdos políticos, afetos, cognições psicopolíticas, imagens que vimos, músicas que ouvimos, intertextualidades e outros delírios...

[Chat] 15:37 Raquel Dal Magro
Eu vou ver se meu filho toca violino pra nós no sarau...



Apresentação

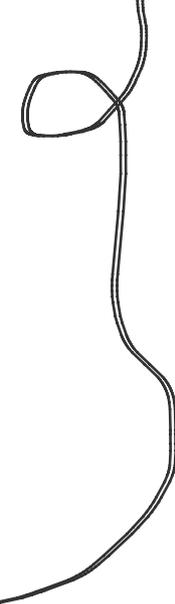
Pati & Aline e todas, todos e todes que desenrolaram o fio da escrita e tricotaram os textos desse livro desencaixado, cuja leitura me deixou acordada além da hora, e que apesar do frio dessa noite me deixou aquecida.

Todos os textos feitos de linhas de delicadeza e generosidade para com as gentes que se sentem grandes nas cidades grandes que não sabem do que é feito o pão, que além de farinha pode ter lágrimas e ser sovado em sonhos que precisam ser esquecidos por muito tempo antes da massa crescer.

Como colocar em um livro desencaixado os textos que foram arrancados pelas mãos de seus autores, como quando se arranca a casca seca da ferida do joelho que machucamos nos tombos que caímos, nas inúmeras tentativas de se manter de pé? Aquelas cascas secas que protegem a ferida, mas que impedem a movimentação do joelho. Então arrancar a casca faz escorrer o sangue novamente, e faz lembrar que sentimos dor e ainda estamos vivos.

Textos arrancados que falam de terra, rio, filho, fio, plantação, mãe, loucura, dor, estudo, trabalho infantil, violência doméstica, aprendizagens, muitos nãos, algumas políticas públicas que garantiram a chegada até aqui, misturadas com muito pó de estrada e falta de acesso e permanência.

São textos sensíveis, alguns é preciso assoprar para não arder, mas ainda assim ardem, feito as feridas abertas.

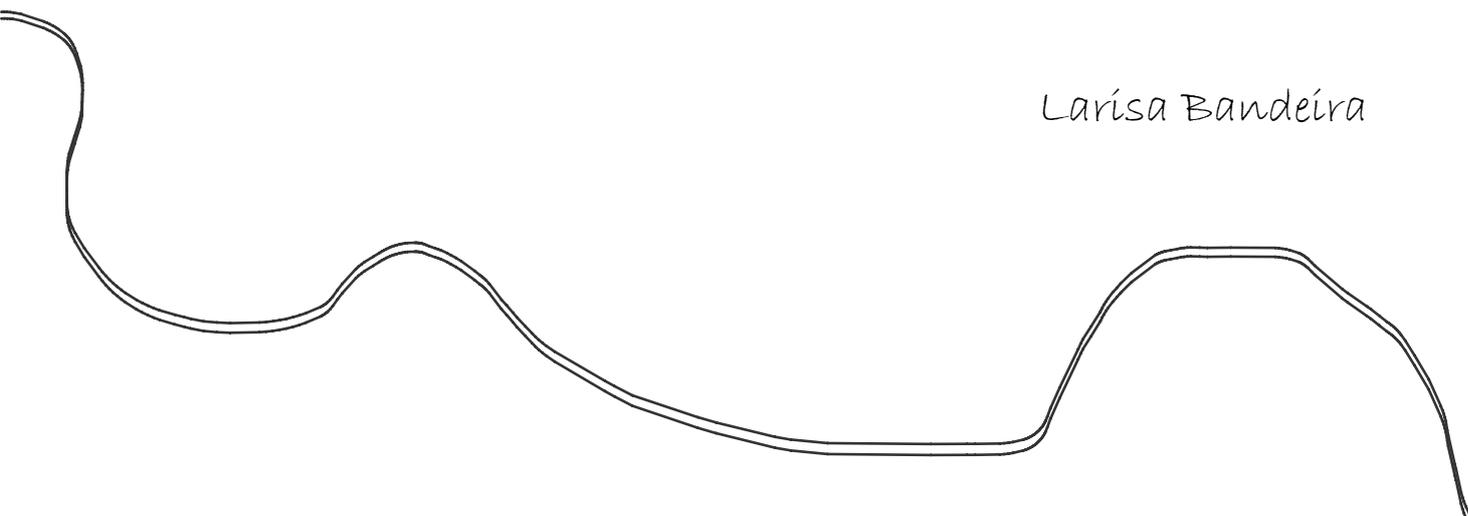


O que mais gostei desse desencaixe dos textos foi o avesso do tricô que aparece na capa do livro, desenhada pelas mãos delicadas de Ana. A parte de trás do tricô, na qual amarramos as linhas, costuramos as mangas ao corpo do blusão, o avesso que estrutura e mantém a parte visível do trabalho. O avesso são essas histórias das pessoas do interior, essas que trabalham desde muito cedo e que sabem o quanto trabalham seus pais, e cujo trabalho de plantar, colher, pescar, manufaturar na fábrica das cidades pequenas, alimentam as cidades grandes. Esse avesso da trama que sabe que não é visto, que nas políticas públicas muitas vezes é invisível. O avesso estruturante que quando vê a sua cidade crescer, percebe que crescer é também destruir não apenas as infâncias, mas os modos de produzir, de pensar e de desqualificar o que era produzido até então.

Eu, pessoalmente me senti em casa nesse avesso, nessa casa São Chico que escolhi para viver, ler as histórias das gentes dessas cidades pequenas e ameaçadas, que escondem dentro de si e nas suas bordas geográficas outros interiores, pequenos povoados habitados por histórias que não são de terror e fantasmas, mas de abandono, agrotóxico, bebida e destruição de agricultura familiar pela monocultura.

Histórias que nos lembram porque estamos aqui e que trazem também vontade de aprender, de estudar, de conhecer e de proteger a vida, a natureza, como a música do Milton Nascimento: “E há que se cuidar do broto, pra que a vida nos dê flor e fruto”. Gurias queridas, continuem cuidando dos brotos, das sementes, das minúcias dos jardins.

Larisa Bandeira



Oi gurias! Que lindeza esse livro, e que bonito o trabalho gráfico do Bruno e as ilustrações da Ana. A ideia da trama e do novelo foram ótimas. Gostei muito, também, da apresentação, com os recortes do chat. Essa ideia de trazer para o texto o processo de construção do próprio texto é algo que me toca muito, uma "dessacralização" da dita "obra final". Qual ideia para lançamento?

Luciano Bedin

Olá Aline e Patrícia,

Espero que estejam bem. Queridas, primeiro agradeço o convite. Achei muito bacana a confiança no meu olhar. Ameiiiiiiii! Desculpa pela demora, mas só consegui fazer após o término do semestre, obrigada por me esperarem! Então, queridas achei a proposta super interessante e ousada ao pensarmos nos modos acadêmicos de escrita e formalização do pensamento. Sendo artista e professora de Teatro, me entusiasma muito perceber o arejamento, a invenção e o desejo de novas formas e propostas acadêmicas que escapem da dureza da ciência. Os textos são ótimos de ler, pois as narrativas pessoais e subjetivas aproximam e criam relações de afetação com as leitoras e leitores. Alguns textos me tocaram mais intensamente que outros, fato normal em uma obra. Bem, acho que é isso.

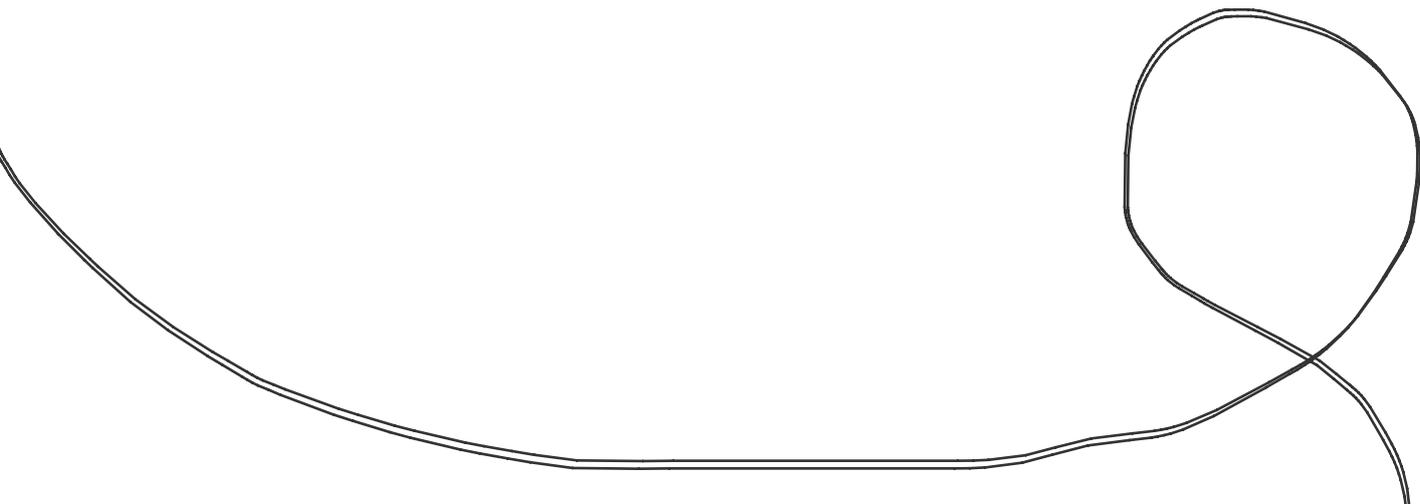
Obrigada mais uma vez e me chamem quando realizarem o Sarau... se puder quero estar presente. Beijos e bons dias!!!

J

Jezebel de Carli

Confeção

Hino ao avesso	13
<i>Alíne Hernandez</i>	
Uma vida s.q.n (só que não)	15
<i>Raquel Dal Magro Domíngues</i>	
Costumo dizer que as coisas começam a existir para gente quando passamos a nos dar conta da existência delas.....	17
<i>Valesca Costantín</i>	
Filhos bastardos da Necropolítica	20
<i>Jeferson Luís da Silva Rosa</i>	
SobreVivência	22
<i>Gabriela Trentini Feijo</i>	
Ruralidades	24
<i>Simone Rossetto da Silva</i>	
Quem és? O que és?	27
<i>Nubiana Salazar</i>	
Campos	30
<i>Alex Fabiano Fernandes Gomes</i>	
Era uma vez	33
<i>Andressa Barbieri</i>	



A Mito[logia] da Bandeira.....	37
<i>Daiane Lippert Tavares</i>	
A Psicologia Política do pertencimento.....	38
<i>Rafael Fernandes</i>	
O Pacato Cidadão	41
<i>Ketrin Muterle</i>	
Na busca de entender o significado de conflito	42
<i>Julia Rocha Clasen</i>	
ECOlalias sobre ExistIR	44
<i>Daiane Duarte Lopes</i>	
Um olhar no Tempo	48
<i>Moisés de Souza</i>	
Experiências e Esperanças	51
<i>Alexandre Alves Jacques</i>	
Tramas.....	56
<i>Patrícia Binkowski</i>	

Hino ao avesso

Aline Hernandez

Ouviram dos capangas frases flácidas
De um povo distópico bravo e redundante
E o sol dos covardes, raio estúpido
Ardeu o cu da pátria tal laxante

E o ardor pela igualdade
Não conseguimos conquistar com raça forte
E os anseios por liberdade
Deixou suas filhas jogadas a própria sorte

Ó vai manada
Idolatrada
Bem covarde!

Brasil, um sonho tenso, um uivo vívido
De horror e desesperança a terra padece
Em teu disforme céu, tristonho e insípido
A imagem do cativo resplandece

Arrogante pela própria natureza
És clero, és branco, empáfia em carne e osso
E teu presente espelha safadeza

Terra importada
Entre outras mil
És tu, Brasil
Ó vai manada!

Das filhas deste solo és mãe hostil
Terra arrasada
Brasil

Roubando eternamente, rombo esplêndido
Ao som do açoite povo moribundo
Amarguras, ó Brasil, Latino América
Povo embalado ao som do Novo Mundo

Nossa terra foi varrida
Nossas raças, línguas, sonhos já sem cores
Nossos bosques, sertão sem vida
Nossa vida, puro anseio muitas dores

Passa boiada
Idolatrada
Bem covarde!

Brasil, de amor sincero seja símbolo
O bárbaro de outrora estatelado
E diga ao verde-amarelo dessa infâmia
Paz no futuro ao inglório passado

Mas, se ergue a injustiça e crava forte
Verás que filha tua vai à luta
Não teme quem te joga à própria sorte

Terra importada
Entre outras mil
És tu, Brasil

Ó vai manada!

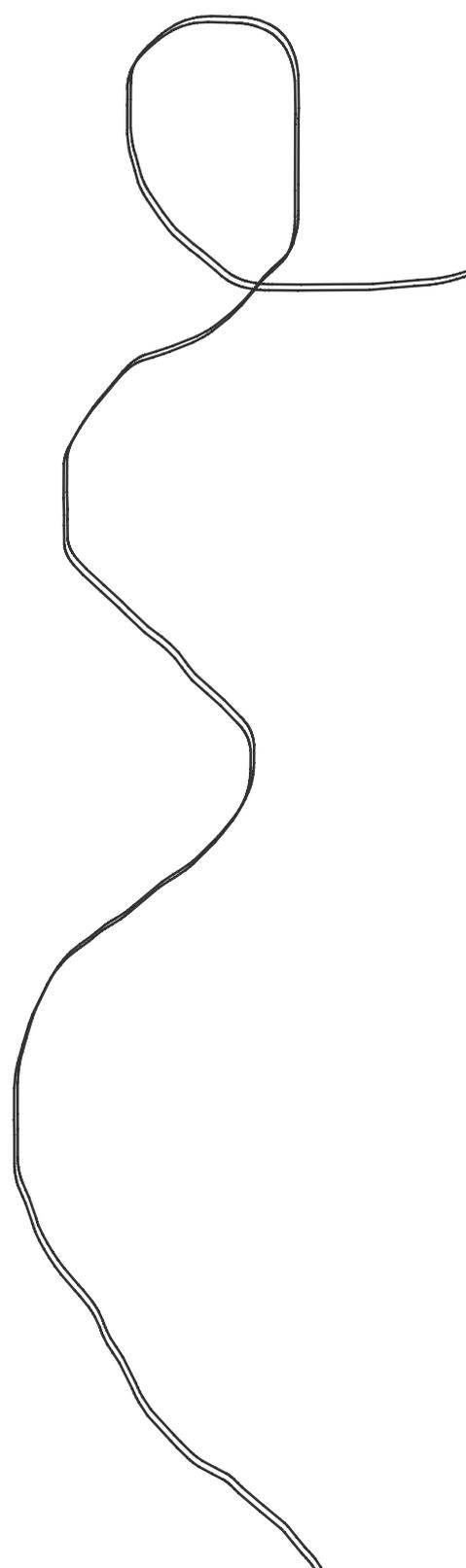
Das filhas deste solo és mãe hostil
Terra arrasada
Brasil

Uma vida s. q. n (só que não)

Raquel Dal Magro Domíngues

Não. Só que não.
Tu “é” pobre.
Não dá.
Não tem.
Não inventa.
Não vai estudar. Vai capinar barranco.
Nem vem...
Não vou?? Ah, tá!
Não dá.
Colona.
Metida.
Tu não “pode” .
Não pode?? Pode deixar!
Faxineira.
Sacola no pé.
Barro.
Sempre a pé.
Só que não.
Um dia muda.
Não, não muda.
Ah, não?? Não, tu “vai” ver!!
Não desiste.
Insiste.
Mais barro.
Pão e ovo. Se tem. Quando tem.
Vestibular.
Para de sonhar. Não vai dar.
Dinheiro implorado.
Suado.
Longe.
Saudade.
Azar.
Vai dar!
Mas, não tem dinheiro “pra” pagar!!

Não tem? Estudo financiado!
Mas, quem? Governo federado.
Não vai dar!! Tu não “vê” ?
Ah, “tá” ! Jura que não...
Não deu?
Ai que não desse!!
Não doeu??
Não. Só ardeu...
Perdeu?
Não. Venceu.



Costumo dizer que as coisas começam a existir para gente quando passamos a nos dar conta da existência delas

Valesca Costantín

Costumo dizer que as coisas começam a existir para gente quando passamos a nos dar conta da existência delas. E para mim, o tema política demorou muitos anos para existir. Eu já tinha quase 20 anos quando tentei entrar para a faculdade pela primeira vez e tive conhecimento da legislação relacionada as cotas de ingresso e também processos relacionados a financiamentos estudantis.

Hoje sei que desde muito antes a política já influenciava na minha vida. Quando criança, onde eu estudava, o bairro que eu morava, com que pessoas eu convivia.

Nasci de pais trabalhadores. Filhos de pais pedreiros e carpinteiros, com mães do lar, que tiveram de 5 a 9 irmãos. Que nunca passaram fome, mas que sempre trabalharam muito para ter o básico. Considero que o básico é o teto, o alimento e o estudo. Sei que muitas famílias tiveram muito menos, muitas tem realidades parecidas e uma minoria avassaladora, tem muito mais.

Mas voltando a história dos meus pais.

Minha mãe teve um lar de pais muito rígidos, regado a violência, traumas domésticos, mortes e falta de recursos. Ela nasceu no interior, conviveu com tios e tias agricultores, e com o pai distante que trabalhava na construção civil em uma cidade próxima. Muitas vezes a sua mãe era o pai também. O estudo não foi incentivado, mas o trabalho desde cedo, sim. Se mudaram para a cidade para ficar mais próximo do pai, e ao mesmo tempo da violência doméstica.

Aos 14 anos começou a trabalhar, mas nunca deixou de estudar, mesmo com o estímulo pelo contrário. Teve que estudar à noite e teve persistência. Diferente de seus irmãos. Conseguiu trabalho em chão de fábrica e entrou na faculdade particular. Teve chance na mesma fábrica para trabalhar no administrativo e depois estudou muito para passar em um concurso público. E lá trabalhou muito, por mais de 33 anos.

Perdeu o pai para o cigarro, passou por doenças do trabalho, trocou de unidade, padeceu novamente. Perdeu noites de sono, tufos de cabelo, entrou em depressão, caiu na insanidade e foi internada.

Mas voltou pro trabalho no outro mês, pois trabalhar, trabalhar e trabalhar era o seu sangue. Ela precisava sustentar a família, educar dois filhos, pagou escola particular para os filhos terem mais chances na vida (como ela dizia).

Não tirou férias, não teve *hobbies*, não comprava roupas. Não conseguiu mais pagar a escola dos filhos sozinha, o marido estava em falência, os filhos foram para escola pública, se esforçou, conseguiu bolsa parcial para os filhos em escola particular.

Aí volto para a história que iniciei, sobre a política em minha vida. Bolsa parcial no ensino médio indica que a família tem renda suficiente para “se bancar” em faculdades particulares, não tendo direito a PROUNI. Mas tudo bem, nos coube o direito de ficar na fila por seis meses para conseguir o FIES - Financiamento Estudantil.

Se tivéssemos sido espertos teríamos permanecido estudando em escola pública e com a nossa renda teríamos esse direito garantido. Mas a vida são escolhas, baseadas nas experiências passadas e percepções as mais assertivas possíveis.

Não sou contra a normativa que somente os estudantes de escola pública podem acessar o PROUNI, mas em um país onde a graduação privada é tão cara e a pública tão difícil, toda a educação fica inacessível.

Aos 20 anos na faculdade estudei bastante para passar nas disciplinas e estudei bastante também para passar em concursos públicos, mas nunca fui chamada. E como minha mãe trabalhei, me formei, porém ainda pago mesmo depois de formada. E essa filha trabalhou, mudou de trabalho, iniciou uma e duas pós-graduações, trocou de trabalho e trabalhou tanto que perdeu noites, perdeu cabelo, parou no hospital, perdeu a sanidade e perdeu o emprego. Ganhou contas de remédios, ganhou exames médicos, mas que depois conseguiu uma ajuda do governo para seus remédios. Depois de 13 meses conseguiu voltar para o mercado de trabalho.

E a vida continuou. E uma reconstrução foi necessária. Voltar para o mercado de trabalho reconstruída, com um salário menor e perceber o quanto sempre foi impactada pelos impostos nas folhas de pagamento, nos produtos adquiridos, em negócios que não podemos abrir devido às burocracias.

Não participei de nenhum ensino formal sobre direito ou política, sua estrutura e seu impacto. Mas, aprendi muito estudando para concursos públicos... E me apaixonei por política ambiental e descobri meu propósito profissional quando li pela primeira vez a Constituição Federal de 1988, principalmente o parágrafo sobre meio ambiente “Art. 225 - Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.” (BRASIL, 1988).

Trabalhei em órgão público por um curto período e depois em consultoria ambiental. Vi o quanto o conhecimento sobre as legislações ambientais é importante e o quanto as instituições privadas as desconheciam. Mesmo que no Brasil quando se comete um pequeno crime seja injustificável o desconhecimento de políticas públicas.

E algo que sempre me fez refletir. Se não podemos declarar que não conhecemos de política, porque ela não é nos ensinada na escola?

Aprendi que todas as pessoas têm direitos fundamentais, e refleti muito sobre eles. Cheguei a algumas conclusões, quando uma pessoa não tem um dos seus direitos fundamentais concedidos, por exemplo, o alimento, os crimes têm uma probabilidade muito maior de ocorrer.

A política impacta minha vida, de uma forma diferente do que de outras pessoas. Porque cada um percorre um caminho único e o sucesso acaba dependendo do esforço e do suporte que se tem ao longo da vida.

Filhos bastardos da Necropolítica

Jeferson Luís da Silva Rosa

Da pátria amada que nos pariu, somos os filhos bastardos que o Brasil insurgiu, quando pulou a cerca com a Necropolítica como se viu, enquanto de barriga vazia, o povo engoliu;

Era casado com as Políticas Sociais por um bom tempo, porém, achava que a sua fiel esposa não estava a contente;

Vivia em um marasmo chamado esperança de um futuro melhor, mal tinha a ideia de que estava acontecendo ao redor;

Desde então, O Brasil leva seus chifres da Necropolítica a todo instante, enquanto as Políticas Sociais, engataram um namoro com a Esperança, se fazendo muito importante;

Políticas Sociais cuida dos filhos legítimos e amados e ainda pretende que os bastardos sejam todos adotados, pois a Necropolítica mata os próprios filhos ou os deixa abandonados;

Talvez o Brasil nunca mais reate com as Políticas Sociais de forma a retomar a relação decerto, que tinha harmonia e um caráter liberto;

Mas no futuro, para se manter vivo e por não haver outra opção, o Brasil deverá se casar com as Políticas Ambientais por pura obrigação;

Então, quem sabe possa se criar uma nova relação e novas formas conceituais? Brasil x Políticas Socioambientais? Formando novos casais, confraternizando unidos, tratativas bilaterais;

E a Necropolítica, para onde ela irá sem o seu amante, se ele realmente a deixar nesse instante? Deverá morrer, para que não fique novamente gestante;

Ela irá servir de adubo para que floresçam novos conceitos e ideias transcendentais, e que os filhos da pátria apresentem trabalhos proeminentes;

Para que ela fique na lembrança, de uma mãe assassina e autodestrutiva sem relevância, servindo de mau exemplo para as futuras gerações, e que não trouxe nenhuma esperança;

Então, os filhos bastardos serão acolhidos pelos irmãos adotivos, pois os filhos legítimos das Políticas Sociais e efusivos, sempre irão pensar nos seus nativos;

Mas todos os filhos da pátria da relação Brasil x Políticas Sociais são bons e politizados? Alguns desses filhos legítimos estão

deturpados, de tanto terem muito em suas mãos, ficaram mimados, e a inveja dos seus irmãos era tanta, que eles acabaram pela Necropolítica adotados, mesmo sabendo que sua mãe Políticas Sociais, sofreu com tantos malgrados;

Por fim, a Necropolítica estará com seus dias contados, a vacina desta pandemia social de famigerados, será realizada pelos seus próprios filhos bastardos;

Vacinados pelos movimentos sociais e pela ação coletiva, a Necropolítica haverá de nunca mais se dar de forma votiva;

Para os filhos bastardos o que mais agracia, é a verdadeira sede por democracia.

[Chat] 10:57 Jeferson Luís da Silva Rosa

Pega uma enchente, não tem uma gaveta pra guardar as coisas, não tem dinheiro e nem tempo pra ir fazer, pois a prioridade é viver um dia de cada vez... coisas do tipo. Ou trancam um documento por não ter outro obrigatório para a emissão de tal.

[Chat] 11:17 Jeferson Luís da Silva Rosa

Os grandões do AGRO POP, vão sempre avançar a cerca para o lado dos menos instruídos.

SobreVivência

Gabriela Trentini Feijó

Quero viver onde não existe regra e hora
Onde a única fartura é de fauna e flora
Onde tudo se divide sem ser algum ficar de fora
Onde nada nem ninguém se assenhora

Mas aqui as raposas dominaram além de suas tocas
Exterminaram quem vivia em paz em suas ocas
Gananciosas, senhoras da razão
E lá se vão 500 e tantos anos de violação

Tal qual aquela canção
"Eu quero morar numa casinha feita à mão
Numa floresta onde eu possa plantar o que eu quiser
E andar de pés no chão"

Onde eu moro criam gado, plantam soja, botam pra vender
Eu vejo o trator substituir o agricultor
E penso como era tudo no tempo do meu antecessor
Como faziam sem garrafas pet, eletrônicos e sem isopor?

Eu quero usar a natureza, mas só como fonte de inspiração
E proteger a biodiversidade de toda essa perturbação
Lutar por uma causa, sonhar sem empecilho
Sustentar meus ideais e traçar um novo trilho

As palmeiras e areia aparecem primeiro
E mais ao fundo, um navio petroleiro
Calotas polares derretem e o cimento se apodera do que era verde
Se o aquecimento global já não é ficção, seremos a próxima espécie em extinção?

Eu vou celebrar e enxergar que ela é linda
Torcer para que tenha uma próxima vinda
Aproveitar até chegar a minha ida
E agradecer enquanto essa não finda

Mas como não pensar na sociedade de consumo e suas demandas sem sentido?

Por que marginalizam tanto o ócio e a vida contemplativa?

Aqui só o que importa é a cultura do capital

Tanto materialismo e acúmulo, não é normal!

Vou seguir nesse caminho íngreme, não tem retorno!

Tentar entender o que acontece no entorno

Sentir meus pés em trilhas, rochas, manguezais

Quero trocar ideia com um coroa que sabe demais

Já sei que tudo se debate, exceto a democracia

No diagnóstico da justiça apareceu: miopia!

Deve ser por isso que somente alguns nascem na mordomia

E outros usam álcool e droga como anestesia

Mas APESAR DE VOCÊ, ainda acredito na vitória

Porque AMANHÃ HÁ DE SER

OUTRO DIA, outra história

Por isso eu marcho calmamente, mas não paro um instante

Porque em força desarmada, o bom senso é o comandante

[Chat] 15:26 Gabriela Trentini
contem cmg!

Ruralidades

Simone Rossetto da Silva

A mãe,
plantando milho,
sentiu contrações,
era de manhã,
foi pro hospital,
nasceu de parto normal.

Uma menina,
segunda filha,
foi crescendo,
não tinha brinquedos,
nem almejava ter.

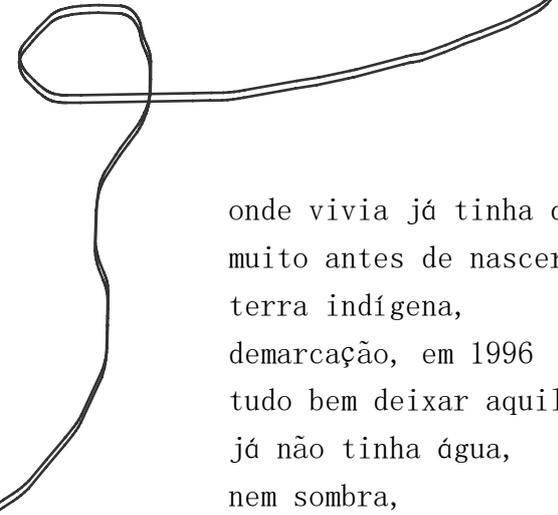
A diversão:
desbravar matas,
subir e descer rio,
brincar com bicho,
cachorro, gato, galinha,
vaca, porco, pato...
não tinha energia elétrica,
nem televisão,
não sabia de jogos,
sabia das plantas de chá,
das que era veneno também,
caminhava nas pedras,
descalça.

O Governo Federal e o
Plano Real.

Desenvolvimento...

“Fez-se a luz” em muitos rincões.

Precisou se mudar,
ir embora,
pra região diferente,



onde vivia já tinha dono,
muito antes de nascer.
terra indígena,
demarcação, em 1996
tudo bem deixar aquilo que era casa,
já não tinha água,
nem sombra,
e as plantações não iam bem...

Dos grãos às frutas:
ê chegada boa!
subir serra de matas,
cachoeiras,
tudo verdinho,
muita riqueza,
mesmo para uma criança...

Montanhês é povo fechado,
jeito diferente,
todo mundo dando ordem,
o tempo todo.

Dos pais, austeridade.
Arrendar terra é difícil mesmo,
muito suor,
pouco retorno,
muita dívida,
pouca alegria,
muito veneno,
agrotóxico,
saco de açúcar
é máscara de EPI,
a menina ainda criança,
estuda de manhã e trabalha de tarde,
se refresca no final do dia nos tanques azuis,
de sulfato de cobre,
fungicida, muito usado na agricultura.

Ainda cedo, foi morar na cidade.
Antes disso, o título de eleitor,
o primeiro voto para governador.
Os pais disseram:
“vota naquele que ajuda as pessoas da roça”,
O nome do vivente lembrava uma planta, aquela da bíblia, oliveira -
Olívio.

Mas, cidade é progresso, não é?
tem que “arrumar jeito de vida”,
estudar, trabalhar, na roça é muito sofrido...
é que mulher na roça fica solteira,
morre sozinha,
não tem conquistas,
mulher de fibra?
tá proibido,
porque mulher pra ter valor,
tem que ter homem do lado,
mesmo hoje, 2022
tá proibido.

O sonho da mãe era estudar,
não pôde, porque estudar na década de 70 no Brasil rural, era coisa de
“mulher da vida”,
espelhou nos filhos,
incentivou.

O mais velho, quase foi padre, hoje é pai e Mestre.
a filha mais nova, intrépida,
manda avisar:
Meu ofício é zelar as matas,
guarnecer sementes,
reflorestar nascentes,
pastorear animais,
supervisionar tempestades e comunicar a quem quer que seja, muito
respeito, alto lá, agricultura familiar põe comida na mesa.

Quem és? O que és?

Nubiana Salazar

O que te faz mais humano que nós?
É teu ouro? Teus tesouros?
É a tua face? Teus olhos claros?
Quem te disse que és melhor que nós?
Foi teu Deus ou teu capataz?

Nas margens do mundo,
Insurgimos feito moscas
Atrapalhamos teu sono,
Temperamos tua sopa.

Teus verbos não são melhores que os nossos
Nem teus substantivos - mesmo que sejam mais luxuosos
Teus saberes, tuas vitórias,
Não são em nada, diferentes das nossas

Nosso sangue, nossa luta
Não consegues apagar
Mesmo que tentes
Alguém sempre irá lembrar

Na impureza de nossas nações,
Continuamos vivos
Ansiosos pelas próximas migalhas de pão.

Hey, patrão
Me diz
Qual é o teu sermão?
Tua superação?
O que te fez ser melhor?

Em todas as ruas em que há alguém esquecido
Uma alma perdida, sem teto, sem vida
Não consta no sistema

Taxado como o rosto da violência
Estirado ao chão,
ao lado da roda do carro
Existe um homem - de pele preta
Revivendo a tortura de seus antepassados

Nossas costas ainda carregam as marcas do açoite,
Nossas mãos os espinhos da luta,
Nosso espírito relembra do mundo

Humanos sem humanidade
Largados na vala da inexistência
CPFs cancelados
números e números
marcados, na pele, à ferro, feito rebanho

Por trás de tuas vestes
Quem és?
Quem te fez?
O que te faz?
Quem somos?
Por detrás das noites sem sono, quem somos?
Quem nos fez?
Quem nos desfaz?

A luta, o amor, a morte, a memória nos fazem
Tu, teus amantes, teus lucros, teus desejos e impunidades
Desfazem-nos

Tu és o mal do mundo, a doença sem cura
Maldade pura
Raça impura

Vives bem, barriga cheia
Os mordomos te abanam, enquanto o mundo se rompe
Tua cama é limpa, trajas de seda

Mas não, tu não és nosso dono

Acordemo-nos.

A todos aqueles que têm a coragem e a oportunidade de resistir:

Resistência também é poder.

[Chat] 11:05 Nubiana Salazar

Sem nossos "números", nada somos...

[Chat] 11:06 Nubiana Salazar

"Se você não tomar cuidado vira um número até para si mesmo. Porque a partir do instante em que você nasce classificam-no com um número. Sua identidade no Félix Pacheco é um número. O registro civil é um número. Seu título de eleitor é um número. Profissionalmente falando você também é. Para ser motorista, tem carteira com número, e chapa de carro. No Imposto de Renda, o contribuinte é identificado com um número. Seu prédio, seu telefone, seu número de apartamento - Tudo é número".
(Lispector).

Campos

Alex Fabiano Fernandes Gomes

Campos onde a imensidão habita
Campos da minha infância onde aprendi a ser livre
Campo batizado com sangue dos meus ancestrais charruas
Campos das minhas lembranças que tenho com o meu avô
Vivendo, crescendo, aprendendo a ser gente

Campos das lindas primaveras verdes com suas flores de trevo
Campo do canto dos pássaros, do tajã, do quero-quero, das caturritas,
da coruja
Campo da sanga da água pura e limpa correndo
Dos lambaris, dos grumatãs, traíras, jundiús, das marrecas, dos sapos
alegres depois da chuva
Campo, dos cavalos, haaaa dos cavalos, zainos nervosos, tordilhos
habilidosos, gateados veiacos e doces tostados
Cavalos, mais que animais parte da nossa história.

Campo dos homens campeiros, com suas vestes, seus ditados seus
trejeitos
Campo dos homens do laço, do cavalo, das lides com gado, da sabedoria
campeira
Homens artistas dos violões, das gaitas, dos alambrados, das domas e
das histórias
Homens que suportam inverno, o minuano, as secas, as tormentas, os
temporais
Homes, puros de alma, alegres campeiros

Campo das mulheres de cerne, indestrutíveis, verdadeiras fortalezas
onde as famílias habitam
Com suas magias, suas receitas, seus carinhos, seus fogões a lenha,
seus chás, seus remédios
Mulheres que sabem de tudo, que cuidam de todos, que amam a todos
Mulheres guerreiras, mães da pampa.

Campos da produção, onde cresce a criação, pastejando gramas nativas,
Campos que não precisam ser semeados, não precisam do trator nem do
arado

Nascendo, crescendo, florescendo em um ciclo eterno.

São tantos os tipos de pastos que não consigo contar, com o meu
simplório olhar

Gramma, forquilha, capim melador, pega-pega, azedinha, trevo
riograndense

Campo que forjou ao longo da história a identidade de um povo, gaúcho
da pampa

Personagem que saiu da fronteira e se esparramou pelo mundo, que faz
gringo dançar vanera e tomar chimarrão.

Mas num repente da história, eu percebi que as novidades chegaram com
a promessa de ganho fácil, a soja e as eólicas apareceram na fronteira
A politicada bem faceira, agora chegou a nossa vez, vamos mudar a
cidade, deixar de ser um município pobre, coimar à vontade;

O jornal da cidade não falava em outra coisa, como que se o trabalho
da nossa gente não servisse de nada.

A soja na região das areias, dessecando e lavrando tudo, não se
importando com o campo, com o solo, com as aguadas, trazendo com ela a
gringalhada, que fala diferente, que não pensa como a gente, que só
quer saber da colheita, a natureza não lhe interessa só o preço da
soja;

Na região das pedras, as eólicas, com um canto da sereia, prometendo
estrada boa, segurança, energia limpa e sustentável, mas trazendo com
ela uns inimigos silenciosos, os seus acionistas gananciosos e um
capim estrangeiro.

O estrangeiro tem nome, já andava por aqui há algum tempo, anoni ele
foi batizado

Entrou nos campos de carona, nas rodas das empreiteiras, e foi indo
silenciosamente, comendo a biodiversidade, tornando tudo diferente.

O gado demora a engordar, a paisagem ficou diferente, nem o verde do
campo encanta mais

Diante de um cenário opaco, sem vida, dominado por esse vivente;

O campo está em guerra, pela sua sobrevivência, pela conservação da sua biodiversidade, pela valorização da sua gente, pela defesa dos seus serviços ecossistêmicos e pela defesa da sustentabilidade, da pecuária, dos campos naturais, do bioma pampa.

Salvem nossa história, nossos homens e mulheres, nossa natureza!!!!!!

Gritamos, salvem a pampa!!!!!!!!!!!!!!

Era uma vez...

Andressa Barbieri

Caro leitor, começaremos com uma história para falarmos sobre a importância da educação, das políticas públicas e ações sociais como meio de mudar a realidade.

Era uma vez uma menina esguia, curiosa, falante e atrapalhada. Quando perguntavam a ela o que queria ser, a resposta era ser alguém na vida e feliz.

Ora, como ser alguém na vida? Aprofundando a pergunta, surgia como resposta: estudar; ter um bom emprego com um salário bom e com isso seria feliz.

Bom, também sempre aprendeu valores como honestidade, trabalho e a fé, e com isso que deveria crer para que as coisas dessem certo.

Uma pitada de fé e muito esforço, sempre. Foi assim que trabalhou para alcançar seus objetivos. De um lado, neta de professora. De outro, neta de analfabeta, que teve acesso à educação quando idosa.

Seus pais não terminaram o ensino fundamental.

Sempre foi estimulada a ler, escrever e estudar. E gostava.

Uma das brincadeiras preferidas era brincar de ser professora, passeando pelo mundo da imaginação, rabiscando em livros, cadernos e passando conteúdo para seus alunos imaginários.

No Ensino Fundamental, estudava em escola pública de interior, com poucos alunos, estudo fraco, culpa do sistema. O conteúdo era fácil, todavia as escolas eram longe, e se passava tempo andando pelas estradas de interior. Não é demais afirmar que o conteúdo não deu um bom suporte e pouco acesso a outros materiais como, por exemplo, livros, pois a biblioteca era quase inexistente.

Quando chegou a adolescência, passou a vez do Ensino Médio e com isso as dificuldades aumentaram.

Morava no interior, longe da escola que passou a ser na cidade.

Levantava as 05h00 para chegar as 07h00. Andava horas de ônibus.

Às vezes no caminho, aproveitava para estudar e se destacar entre os bons alunos.

O ensino passou a melhorar, acesso a biblioteca e a computadores, que até então não havia estudado em um, mais conteúdos, mais estudo, isso já em meados de 2010.

Tudo isso enquanto via a rotina dura, pesada e cansativa dos pais, com muito esforço e poucas condições financeiras. Não queria aquilo pra si. Queria vir a ter uma realidade melhor. Sabia que a única forma era por meio do estudo. E assim foi.

Benefícios das políticas públicas estiveram presentes em boa parte de sua vida e de seus pais, com sua realidade, como dito acima. Ela confessa, caro leitor, que terminando o ensino médio, o sonho de uma graduação, nas condições que vivia, parecia distante.

Todavia, sua realidade mudou.

Ao fazer suas escolhas, o Direito foi sua opção. Sim, conseguiu começar uma faculdade. Durante os cinco anos de curso, foi um amontoado de incertezas, no sentido de não saber se iria conseguir continuar, não pela parte que dependia dela, mas pelo financeiro.

Se por acaso algo desse errado com o financiamento estudantil (FIES), sabia que não teria como continuar.

Quando terminou, a escolha de caminhos começa a pesar, vem a responsabilidade de fazer a escolha dar certo ou fazer dar certo.

Afinal, qual era seu propósito aqui?

Foi passeando em algumas áreas e não se encontrava. Mas, lembrava com todo carinho do tempo de academia e da iniciação científica e um dos sonhos passou a ser o mestrado.

O ser alguém na vida, batia à porta, ficou impregnado. Não é só com uma graduação que a vida muda, que os objetivos são alcançados num passe de mágica.

Depois dela, vem a fase de emprego, de pôr em prática o que aprendeu em anos, mas sobretudo, de ganhar o que é pelo menos justo com o trabalho e isso pode ser decepcionante, ainda mais quando se começa a pagar a faculdade. Sabe-se que um salário mal dá para as despesas mensais, é apenas para sobreviver mesmo. E com a redução de postos de trabalho, agarrar um que dê pelo menos para “viver” é o que resta.

Assim, vivendo em um lugar que tinha certeza que não era pra si, foi impulsionando para sair. Começou uma pós-graduação em uma universidade pública e aos poucos passou a se encontrar.

Lembrava ainda com mais carinho do mestrado.

Agora volto, querido leitor.

Sempre aprendemos que temos que ter um propósito, objetivos de vida, que basta termos uma profissão e trabalharmos arduamente. O propósito

de vida traz uma ligação com trabalho, com bens materiais, na maioria dos casos e foi isso que deixou boa parte do Direito decepcionante.

A vida não é só trabalhar, adquirir bens, ostentar e morrer. É muito mais.

É aprender a ser mais humanitário, é sobre se cuidar, se amar e cuidar dos que amamos e até quem podemos ajudar.

É buscar cada dia ser melhor como pessoa e fazer a diferença na vida das pessoas. Encontrar sentido em tudo que faz, senão faz sentido, mudar.

Trouxe essa pequena reflexão para falar sobre a importância de lutar por aquilo que se quer e como as políticas públicas e ações sociais são extremamente importantes para que muitos jovens consigam alcançar seus objetivos profissionais e pessoais e mudar uma realidade. No passado, as estruturas sociais não permitiam que as pessoas buscassem uma vida diferente, dentro do vir a ser.

Quem eu quero ser? O que quero fazer?

Nada além do que já era do domínio da sua família.

Hoje contamos com muitos programas, ações e políticas que possibilitam o acesso mais universal à educação, sendo que se sabe que mesmo com avanços muito ainda é privilégio de poucos. Por isso, a democracia e a participação política são elementos necessários para a promoção de direitos humanos, como direito de todos a políticas públicas e estas, como um agir político do Estado que deveria garantir a equidade entre os cidadãos.

Agora, voltamos a dar sequência a nossa história.

Fruto de políticas públicas para a graduação, e de universidade pública estadual para uma especialização e um mestrado, eis que se demonstra como a educação muda uma realidade.

Não somente dela, mas de muitos de seus colegas que trilharam o mesmo caminho. Hoje vemos uma geração de formados naquela comunidade do interior, rompendo com as gerações anteriores que quase ninguém havia conseguido antes.

A comunidade foi se desestruturando, os pequenos agricultores perderam espaço para as máquinas e aos poucos estão se reinventando.

Voltando àquele sonho de ser alguém, hoje temos a plena consciência que todos nascemos alguém, sujeitos de deveres e direitos e que devem lutar por uma sociedade melhor, tendo voz ativa, sendo participativos

na comunidade. Ser alguém hoje passa a ser um sujeito mais humanitário, que com seu trabalho busca contribuir para essa sociedade almejada.

Outro ponto que gostaria de voltar, é falar do encontrar-se.

Aos poucos a vida vai nos levando onde devemos estar e com algumas pessoas que nos fazem refletir sobre toda uma história de vida.

A vida fez aquela menina ver que os valores aprendidos ainda na infância são carregados por toda vida e que somos “alguém” e diz respeito ao que carregamos no coração (ser) e não o que podemos ter.

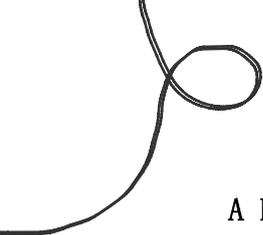
Que aquela brincadeira de ser professora tornou-se uma de suas maiores realizações e isso ganha mais cor quando encontra pelo caminho pessoas que nos fazem brilhar os olhos.

Que pensar em propósito já não pesa tanto, a vida sempre nos conduz ao nosso.

E hoje, já em um lugar que é bom estar, com jeito de lar, as coisas fazem sentido.

Aprendi que na vida é preciso força e movimento.

Que saibamos ocupar nossas posições na sociedade para sermos movimento em busca de um mundo mais humano.



A Mito[logia] da Bandeira

Daiane Lippert Tavares

Não há um verso, inverso
Aos pobres resta pão e circo
[menos pão, mais circo].

Não há bolsa Brasil que segure a barriga vazia.

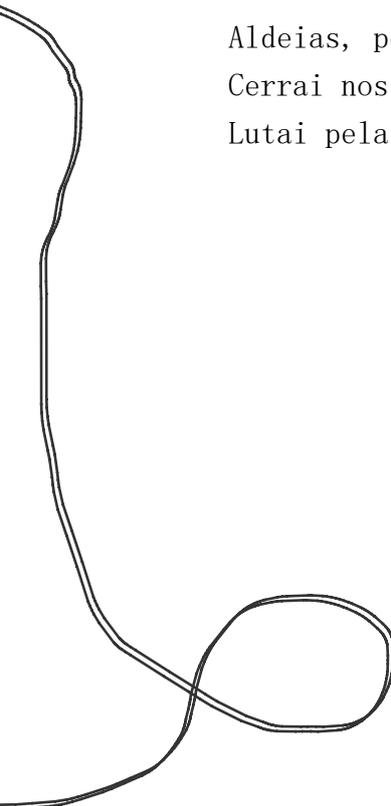
Só ossos [duros como a vida] a resolver?

Terra arrasada, pátria amada arrasada!
Passa boi! Passa boiada!

Do ouro. Com manchas de sangue [o povo]
Do verde. Florestas queimadas, vencidas
Do azul. Águas enlameadas, de ferro, de resto

Povos jogados às traças, entregue aos leões,
sem identidade, sem terra sem chão!

Se deus é acima de todos, deus pode ser por nós?
[Deus, capital?]
Levante-nos!



Aldeias, periferias, quilombos!
Cerrai nossos punhos. Gritai pelos cantos.
Lutai pela nossa bandeira. Pintai a aquarela de novo.

A Psicologia Política do pertencimento

Rafael Fernandes

Quando somos crianças nosso Mundo por muito tempo não vai além dos muros da nossa casa. Aos poucos vamos conhecendo outros espaços, dependendo da experiência de cada um. Uma rua com calçada e faixa de pedestres, uma estrada rural de chão batido, um riacho, um arroio poluído com um sofá velho dentro, um bosque, um elevador... Enfim, à medida que vamos crescendo vamos pertencendo a uma porção cada vez maior do Mundo, que cresce aos poucos: o nosso Mundo.

Para o líder indígena Ailton Krenak, "a ideia de ecologia está relacionada a um conjunto de referências sobre um determinado lugar"¹. Para quem vive em uma cidade, o arroio poluído e morto, entupido de lixo e esgoto, é como um rio para quem vive numa floresta. A diferença é que para o morador urbano o significado ecológico daquele arroio poluído já foi roubado há muito tempo por um sistema que coloniza não só lugares e relações de trabalho, mas também pensamentos. É dessa forma que o capitalismo age para enfraquecer comunidades e pessoas: tirando aquilo que temos de mais valioso, desde a infância, o nosso sentido de pertencimento.

Há mais de quinze anos deixei o lugar em que vivi desde a infância, no Vale dos Sinos e passei a viver na Planície Costeira, próximo da Laguna dos Patos. Eu já esqueci quase todos os nomes de ruas que eu sabia na minha ex-cidade. Quando eu volto lá, exceto pelo Xis em frente ao hospital e ao lado da universidade, eu tenho saudades de quase nada. Era um lugar que eu adorava, mas que agora eu tenho vergonha de mostrar para as pessoas que vão comigo. Eu não pertenço mais àquela selva de prédios e de arroios mortos pelo lixo e pelo esgoto, aquilo não faz mais nenhum sentido pra mim.

Quando eu cheguei onde estou agora, parece estranho, mas eu tinha um sentimento de que ali podia ser melhor e que eu tinha energia e vontade para atuar socialmente para fazer melhorar. O lugar é bonito, mas sempre esteve mal cuidado. O povo é amigo, mas sempre esteve em maus lençóis. A política é simples, ultrapassada até, e como diz um grande amigo meu e ex-Reitor: "embaraça pela simplicidade". Eu

pertenci muito tempo a este espaço-tempo e alimentei o sentimento de viver com a/em comunidade e buscar melhorar. O meu conhecimento do Mundo aumentou bastante também nesses últimos quinze anos e posso pensar agora que o meu Mundo se tornou bem maior que os muros da minha casa. Mas isso não diminuiria tão rapidamente a minha forma de pertencer à comunidade que vivo, se a maioria da comunidade não mudasse tão drasticamente os seus valores individuais e coletivos. E o pior, manifestasse esses valores nas suas escolhas políticas e na nova tribuna da democracia - as redes sociais da internet.

A falta de pertencimento faz com que nos afastemos e não nos envolvemos politicamente. Essa é a grande vitória do capitalismo. Eu hoje vivo num País que eu não queria mais viver. Os planos de mudança para outro lugar são cada vez maiores e recorrentes. Não é só da cidade de prédios e arroios mortos que eu procuro me manter distante; é também de muitas pessoas e seus valores que eu simplesmente abomino. De novo com Krenak: "o sujeito coletivo pertence ao lugar, é o oposto político do lugar que pertence ao indivíduo"¹.

Talvez o que eu vá escrever daqui pra frente não faça muito sentido para a maioria das pessoas, mas não tem problema, eu escrevo para quem quiser entender.

Num livro que li há muito tempo e releio de tempos em tempos, um autor russo chamado Piotr Kropotkin (que morreu há 101 anos atrás) fala em "ajuda mútua" (*mutual aid*) e que basicamente a cooperação, e não a competição, é o mecanismo por trás da evolução. Ou seja, ele fala que importa apenas a natureza do governo (e de quem governa), mas da própria natureza da natureza — ou seja, a própria realidade. E a realidade só pode ser combatida de duas formas: a violência e a pós-verdade (uma forma mais branda de violência).

Se alguém quiser enxergar o Mundo como eu enxergo hoje, um bom começo seria ler o que escreveu o príncipe, anarco-comunista, geógrafo e cartógrafo Kropotkin. Os dias que vivemos hoje tornaram a política um espaço de conflito com quase nada de ideologia, minado pelo esvaziamento intelectual. Kropotkin já sabia que o papel de quem estuda (a realidade) é o de "restaurar as proporções reais entre o

conflito e a união”. Ou seja, conhecer profundamente o passado, interpretá-lo à luz da contemporaneidade e problematizar os conflitos que existem reforçando as instituições, as ideias e os instintos naturais que costumavam unir as partes conflitantes. Ainda que o conflito seja entre o indivíduo e o lugar que habita, seu pequeno Mundo. Viver não é acumular coisas. O capitalismo e o nacionalismo nunca foram a realidade humana, assim como a propriedade privada e as leis inventadas para protegê-la. A pandemia nos faz enxergar que o mutualismo é uma ideia-força incontestável. Para entender isso, basta olhar o Mundo para além dos muros da nossa casa.

¹ KRENAK, A. Ecologia Política. Ethnoscientia, v. 3, n.2 (Especial), p. 1-2, 2018.

O Pacato Cidadão

Ketrin Muterle

“Pacato cidadão, ô pacato da civilização” canção do Skank e escrita por Samuel Rosa e Chico Amaral, que profeta sobre os problemas sociais no país. Lançada em 1994 e ainda muito pertinente na atualidade, com 3 estrofes bastante pontuais e que tratam de temas como a alienação da mídia, poluição ambiental e problemas sociais, esta música poderia ser lançada nos dias de hoje de forma inédita.

Mas quem é, ou o que é, o Pacato Cidadão?

Pacato, do latim *pacatus* que significa tranquilo, pacífico. Que não discute, não questiona, não reclama. O Pacato Cidadão representa uma classe mais pobre da sociedade, formada por negros, indígenas e escravos, principais vítimas das desigualdades socioeconômicas e sem voz. Forçado a se calar e aceitar o dito. Obrigado a fazer e não interrogar. Reduzido a força física e não pensante. Oprimido.

No papel do Pacato Cidadão é onde eles querem que estejamos. Que não cogitemos, não questionemos, não tenhamos pensamento crítico. Não querem que estudemos, que aprendemos, até porque “E tracei a vida inteira planos tão incríveis... Apoiado em poesia e em tecnologia” não podemos.

Sejamos barulhentos, bravos e aguerridos. Sejamos transmissores, destemidos e corajosos. Resistentes. Busquemos os nossos direitos e o nosso lugar na sociedade. Não sejamos Pacatos Cidadãos.

Na busca de entender o significado de conflito

Julia Clasen

Conflito, do *conflictus, us* “choque, embate, combate, luta. Profunda falta de entendimento entre duas ou mais partes. Sinônimo de luta, oposição, disputa” .

Procuro a palavra conflito no dicionário, na busca de entender de onde vem as minhas inquietações. O conflito explica a origem daquilo que me incomoda. Porque, na inexistência do conflito, não existiria também a luta daqueles/as que lutam, que resistem por algo, se opõe ao dito estável, ao estagnado. É por meio do conflito que nascem as disputas sobre aquilo assinalado como “imutável”, e “inalterável” .

Reconheço o conflito como possibilidade, abertura de questionamentos, construção de rumos possíveis e utópicos. Afinal, é a partir das relações de conflito que nascem parte dos caminhos possíveis, que venho sonhando ao longo dos últimos anos da minha vida, desde quando passei a reconhecer nos sonhos, antes assinalados como impossíveis, esperança de mudança da realidade.

O conflito abriga quem sou, e aquilo que construo no meu dia a dia. Caminhos que nascem do reconhecimento do conflito como abrigo da transformação, conduzem a ação daquelas e daqueles que se percebem como parte de algo que ultrapassa a sua individualidade, que não terminam em si, mas que emergem do encontro com o outro. De um encontro coletivo que só é possível a partir da visualização do dito estável como contraditório, e possível de mudança.

Me considero emergente de um conflito, relações de oposição permeiam toda a minha vida, e, a partir da possibilidade de visualizar essas que formo quem sou hoje. De tal maneira, não pondero como possível, nem mesmo desejável, pontuar aqui a finalização das relações conflitivas, elas formam o que somos, e é a partir delas que ocorre o movimento de transformação daquilo que éramos e a formação do que um dia seremos. O que busco a partir das minhas ações, é a superação das relações de conflito, das suas desigualdades formativas da sociedade, e a emergência de outra realidade.

Desta forma, olho para o conflito como possibilidade, como abertura de um movimento, e com o desejo de fazer do conflito indicativo de mudança. Uma mudança que não se encerra no tempo histórico que

vivenciamos hoje, mas é construída ao longo dos séculos, em cada ação que faz do sujeito, ser coletivo. Formado no enfrentamento com aquilo que oprime a sua existência.

O desejo de fazer das inquietações ação política é parte do reconhecimento do que é o conflito. Dos inúmeros conflitos que permeiam a sociedade e que cultivam suas contradições insustentáveis.

Assim, a minha busca por entender o que é conflito, com uma procura no dicionário, nos livros e em filmes, representa também, a busca por entender quem sou eu, sujeito formado a partir do conflito. Com essa ideia, que me encontro com outros sujeitos, que fundamentam a minha ação. Reconhecer isso representa um olhar mais atento sobre a sociedade e seu movimento de mudança.

ECOlalias sobre ExistIR

Daiane Duarte Lopes

Me disseram DOIDA!

Quando EU disse que sentia que tinha algo que não compreendia em meu
filho

“Uma mãe não fala uma coisa dessas!” “Uma mãe SABE o que o filho
precisa!”

Todos tinham algo a dizer, mas o que EU dizia não podia ser dito.

Me disseram T R I S T E

Que o que eu sentia era por conta dos hormônios. Então O silêncio
enquanto meu filho era amamentado e o seu sofrimento entre querer o
alimento e não suportar o toque da pele era pura alucinação.

“Isso é coisa da tua cabeça!” “Pensa em outra coisa que passa”.

Me disseram *BURRA*

Quando disse que as características eram evidentes apesar de ele ter
pouco mais de quatro meses de existência. Seus movimentos de braços e
pernas giravam em círculos, duros, ritmados. Meus chamados não
encontravam acesso. Minha voz sumia no silêncio sem encontrar nenhum
olhar.

“Não é nada disso!” “Tu NÃO sabes o que fala!”

Me disseram INSEGURA

Quando disse que não sabia o que fazer para acalentAR seus urros de
angústia e desespero. Não sabia identificar e atender seus desejos.
Eram horas de silêncio absoluto alternadas com gritos estridentes e
angustiados.

“Isso é porque é teu primeiro filho!” “Tu és mãe de primeira viagem”.

Me disseram EXAGERADA

Quando falei da exaustão de tantas noites sem fechar os olhos, de ter
que seguir a rotina restrita imposta por um bebê ~ não encoste nele
com tuas mãos, toque apenas onde houver tecido, não aproxima teu
hálito do rosto dele, seque o leite que escorre pelo pescoço, caminhe

sem parar enquanto amamenta, deixe-o quase arrancar sua boca e nariz com as mãos para poder acalmá-lo para dormir, deixa teu peito ser chupeta, gelo para hematomas, bolsa de água quente para as dores nas costas, S I L Ê N C I O ~ do contrário o caos reinaria por dias e dias "Tu deixas ele tomar conta de ti" "Isso é mania, esse guri é manhoso".

Me disseram PROBLEMÁTICA

Quando apontei as características que me INTRIGAVAM e a urgência em me instrumentalizar sobre desenvolvimento Atípico. Não tivemos nenenez, prosódias e gritinhos, não havia interesse por nenhum brinquedinho, não nos seguia com o olhar, nosso toque produzia alergias que faziam sua pele arreborder "Tu ficas procurando problema" "Tu lê demais" "Pergunta demais" "Quer saber mais que os médicos?".

Me disseram FRIA

Quando disse que teu olhar não se conectava com o meu. Eu insistia em captar o olhar do meu filho com minha voz, meu canto, meu sorriso, mas nada parecia suficiente. O olhar ia na minha direção e me atravessava, V A Z I O e ainda assim invasivo, avassalador. "Tu idealizaste demais este bebê", "Tu achaste que seria fácil e agora sofre".

Me disseram APRESSADA

Quando indiquei os marcos do desenvolvimento que não alcançava. Demorou um pouquinho mais pra segurar objetos, pra sentar, oscilava entre estar rígido e super molengo. Fixava em algumas coisas e ficava assim por dias, até que nada mais o alcançava "Deixa ele no TEMPO dele" "ATROPELA ele, que isso é preguiça!".

Me disseram ERRADA

Quando apontei que tua voz se expressava em dialeto próprio REPETITIVO, fazendo os sons ecoarem, estalarem, em ritmos intermitentes entre agudos e graves, afiados "Com o TEMPO isso se ajeita" "Que EXAGERO isso".

Me disseram ANGUSTIADA

Quando falei que não precisava esperar o diagnóstico para ter pressa
na vaga da escola e na vaga pela intervenção
Vamos agir no que está aparente! O sistema não conhece as necessidades
das pessoas

"Uma coisa de cada vez" "Não tem como trabalhar sem saber o que é"
"NÃO TEMOS VAGA para uma criança assim".

Me disseram ESTRANHA

Quando disse que era preciso OLHAR para o SUJEITO que se formava.

Vamos focar nas potencialidades e não nos desafios, minha voz
suplicava

"Nada disso, criança é criança", "Autistas são autistas, todos iguais,
nos seus mundinhos".

Me disseram RAIVOSA

Quando falei que meu filho não seria limitado pela ignorância alheia!

"Não adianta ficar braba assim", "Ele nem sabe que tu é mãe dele",
"Não vai sentir tua falta se tu sumires".

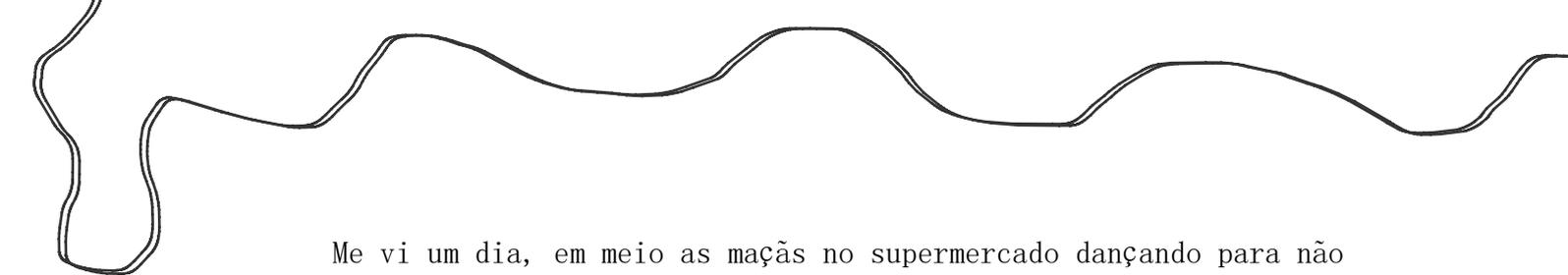
E, por fim, algo que nunca me disseram com palavras, mas me disseram
milhares de vezes por segundo, em um coro uníssono sem voz, só com o
olhar, onde quer que a gente fosse e meu filho gritasse, cantasse,
dançasse, se jogasse no chão ou chorasse, todas as vezes que eu
precisei pegar ele no colo ou me sentar com ele no chão para nos
acalmar, olhos que diziam:

CULPADA!

E isso me deixou anos presa num ciclo infinito com a vergonha de ter a
possibilidade de eu ter feito algo que pudesse fazer meu filho sofrer
de alguma maneira. Enquanto me diziam culpada eu não identificava o
ABANDONADA, INVISIBILIZADA, ANIQUILADA.

Anos de estimulação precoce perdidos, fila de espera de meia década
pela formalização de um diagnóstico para conseguir acesso ao sistema
de tratamentos.

MABALARISTA, EQUILIBRISTA, DANÇARINA



Me vi um dia, em meio as maçãs no supermercado dançando para não
surtar, com meu filho segurando minha mão, LIBERTA
eu fazia tudo que era possível e suficiente, enquanto O SISTEMA
tentava nos enlouquecer antes de nos matar
Então, pus fim para o coro do julgamento, mas ainda assim dei razão a
tudo que disseram, eu era tudo isso
DOIDA, quando mães são invalidadas, santificadas ou silenciadas
TRISTE, com a falta de acolhimento e empatia para tudo que é diverso
BURRA, diante de tanta cientificidade e pouca humanidade
INSEGURA, com um mundo que não acolhe os modos de sentir e existir
EXAGERADA, em querer fazer valer A VOZ, os direitos e equidade de
acesso
PROBLEMÁTICA, em não me contentar com respostas prontas e reduzidas
FRIA, com um sistema que protela e empurra vidas como se fossem
problemas
APRESSADA, em querer saber tudo que envolve, motiva e convocava as
pessoas que se conectam de maneiras diferenciadas a habitar o caos do
mundo
ERRADA, em ouvir quem não me ouvia para me escutar, mas sim para
responder o que sequer eu havia perguntado
ANGUSTIADA, com a falta de recursos e políticas públicas que só veem
números e ignoram pessoas
ESTRANHA, com a ideia de normalidade preestabelecida
RAIVOSA, na verdade furiosa com a patologização do existir alheio.

[Chat] 15:10 Daia Duarte
O sistema é perverso com todes!

Um olhar no Tempo

Moisés de Souza

Nasci, cresci e vivo em Canela, Rio Grande do Sul, há mais de quatro décadas. Nossa, falando assim parece muito tempo! Mas, para mim foi ontem...

Não, na verdade foi no final da década de oitenta, mesmo. Lembro que brincava de esconde-esconde, polícia e ladrão, de desbravadores da natureza com os filhos dos vizinhos, nos *matos* próximos à casa onde morava com meus pais e meus irmãos, na Vila do Cedro, bairro que na época foi dividido em lotes, mas com poucas residências construídas. O melhor daqueles momentos era a liberdade, o contato com a natureza onde as árvores eram nossos castelos e fortalezas. Hoje vim saber, que os *matos* são áreas verdes do município e, por isso, devem ser preservados, inclusive com a restrição de impacto humano.

Outros momentos que voltam na minha memória, são dos dias de inverno quando minha mãe preparava a comida no velho fogão a lenha e eu e meus irmãos ficávamos observando as chamas dançarem pela abertura da dilatação da chapa, no velho companheiro dos dias frios. Naqueles dias, ao final da tarde, acompanhávamos os pingos da chuva correrem no fio elétrico ligado do poste de luz à casa. Às vezes fazíamos disputas, cada um escolhia um pingo, para ver quem chegava primeiro, desenvolvendo assim a nossa criatividade, sem limites para sonhar. Hoje, vejo as crianças tendo suas infâncias cada vez mais eletrônicas, criando realidades virtuais e aumentadas ou até *metaversos* que muitas vezes as colocam em uma posição passiva, recebendo todas as informações prontas.

Na época da minha infância, morávamos em uma casa de madeira aconchegante e protetora, com poucos vizinhos próximos, sendo muitos deles *veranistas* - vinham apenas em época de férias, o que nos proporcionava uma liberdade espacial para as nossas brincadeiras. Hoje, no espaço onde moro não há disponibilidade para as crianças do condomínio brincarem livremente. Onde resido no século XXI, a infância dos pequenos está confinada ao espaço de um *playground* e uma quadra poliesportiva, limitando as atividades delas e suas criações lúdicas. Lembro também de quando era criança que tínhamos um quarto compartilhado por mim e meus irmãos - uma irmã mais velha e dois

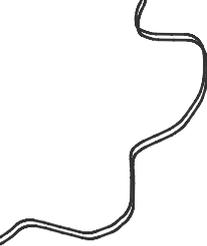
irmãos mais novos -, cujo espaço fortaleceu nossa convivência e cumplicidade para os tempos atuais, e com certeza, para os momentos futuros! Porém hoje vejo que mesmo morando em um apartamento onde os meus filhos possuem um quarto para cada um, em nome de terem as suas privacidades, isso só os coloca em mundos isolados em que muitas vezes a comunicação é realizada somente pelo aplicativo do *whastapp*, de uma forma mais fria, como o sinal da internet, que sofre alterações de intensidade.

Na década de oitenta, Canela tinha uma população residente de 23.786 pessoas; já hoje, somos mais de 43.000, o que faz com que a cidade “Paixão Natural” tenha que crescer e se expandir levando os nativos à periferia da urbanização que se desenvolve de forma vertical. Naqueles tempos remotos em que a cidade possuía mercado que vendia feijão, farinha e ovos a granel, conhecíamos os vizinhos pelos nomes e sabíamos a descendência familiar.

Hoje, resido em um condomínio - Coisa chique!!! -, mas estamos ilhados em torres de edifícios com 32 apartamentos cada, com vizinhos próximos fisicamente, parede com parede, mas distantes no sentido de comunidade, pois muitas vezes, por educação, compartilhamos somente um simples bom dia no encontro do corredor ou na descida das escadas...

As torres do condomínio possuem quatro andares, que não representam somente a localização física no prédio, mas uma divisão implícita de classes sociais, castas, categorias... em que o pessoal do quarto andar - pois é um duplex! - é considerado *elite* ficando afastado do pessoal dos primeiros andares, *a escuma*, recriando uma divisão socioeconômica com bases psicológicas e arquitetônicas.

A nova estruturação dos bairros na nossa *Canela, terra querida, onde a gente vive mais...* no formato de residenciais e condomínios, é considerada como desenvolvimento econômico, progresso social e, principalmente, o desenvolvimento sustentável para a cidade. Entretanto, esse crescimento vertical da cidade de Canela só está fazendo com que eu busque outra localidade/cidade para morar com minha família, um *canto* que tenha um encanto, para que eu volte a ter a liberdade, o contato com a natureza. Onde nos dias de frio ainda consiga ver as chamas no velho fogão a lenha aquecer o meu olhar. E que eu possa chamar os vizinhos pelo nome e reconhecer em seu bom dia as suas descendências familiares.



Acredito ter encontrado esse local, para onde me transporto nos finais de semana, para reviver momentos marcantes das décadas do início da minha vida! Porém, só fica uma questão que me perturba o coração e a mente: como devo deixar a cidade de Canela para os meus filhos? Que lembranças eles contarão daqui a algumas décadas? Ou isso é só nostalgia de uma pessoa com mais de quarenta anos de vivência, e que não acompanha o progresso com tanta rapidez?

Experiências e Esperanças

Alexandre Alves Jaques

Tentarei organizar minha escrita ligando imagens e vídeoclipagem a partir da minha trajetória enquanto indivíduo, mas igualmente como sujeito coletivo de uma realidade não muito diferente da grande maioria de nossa sociedade desassistida, desacreditada e, desesperançosa. Então, começo minha escrita lembrando de onde e como vim parar aqui... um guri de família empobrecida por um sistema explorador, expropriador e perverso¹.



Fonte: Revista Galileu.

Disponível em:

<https://s2.glbimg.com/lpCVLfnNtnHJJguPLXu6ivTZKHCU=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2020/09/30/mafalda.jpg>

Filho de pai pescador, de mãe empregada doméstica e com mais quatro irmãos, sendo eu, o do meio. O “patinho feio” como minha irmã falava, pois ficava meio que invisível ou pouco notado pela família e pelos demais que me relacionava e, portanto, tinha que me virar sozinho e contar somente comigo para quase tudo².

Não sei se existe algum estudo sobre isso, mas todos irmãos do meio que conheço passaram por experiências semelhantes às minhas.

Nascido e criado às margens do estuário da Laguna dos Patos, tendo como perspectiva inicial viver da pesca, assim como meu pai ou me virar como servente de pedreiro. Sonhava como qualquer outro *piá*, em ser algo

¹ Enquanto complemento desta questão, ressalto uma breve análise sobre os conceitos de necropolítica e biopoder explicados por Sílvio Almeida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TbdYA0x-o54>.

² Neste ponto vale a reflexão musical de Racionais MC's com A Vida é Desafio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wb3rvC6z5ao>.

grande: médico, veterinário... coisas do tipo que só gente rica consegue ser, então, o sonho ficava nisso mesmo, num plano distante e inalcançável de certa forma. Aos 12 anos começo a trabalhar, pois, a remuneração de meus pais não sustentava nós sete. Esta sequência de trabalho infantil, logicamente, começa com minha irmã e irmão mais velhos.

Meus *tramos* se intercalaram, principalmente, entre a construção civil e as safras de pescados, em especial, a safra do camarão. “Arrastando” camarão com meu pai, comecei a vivenciar e perceber a prática da exploração socioespacial, do que bem mais tarde conheci como *Capitalismo*. Trabalhávamos a noite inteira no mar e ao chegar “em terra” tínhamos de vender nossa captura e enquanto produto perecível, este deveria ser comercializado rapidamente. Mas nem sempre era fácil e o camarão corria o risco de apodrecer, jogando fora uma noite inteira de trabalho. Naquele momento eis que surge a personificação do sistema, o dito “atravessador”. Disposto a comprar toda nossa produção e salvar nossa noite. Que maravilha! SQN! Pois, o preço pago pelo pescado era substancialmente menor ao que meu pai havia estipulado. Assim ficávamos à mercê daqueles indivíduos que se beneficiavam do/no suor nosso de cada noite³. Porém, o preço que os atravessadores ganhavam revendendo o que tínhamos pescado era consideravelmente maior.

Tais experiências me ajudaram a perceber e compreender, pelo menos três pontos de análise do sistema em que vivemos. Primeiro, o quanto o Capitalismo é um processo que se sustenta explorando os lugares, as pessoas e também os recursos naturais. Segundo, está na verificação da ausência de Políticas Públicas voltadas ao pequeno produtor e, no nosso caso, do pescador, a fim de melhorar sua condição de vida. Em terceiro lugar está no impacto na psique de um *guri*, que em sua tenra idade percebe que veio ao mundo para se ferrar, quase como que por determinismo⁴.

³ Na organização socioespacial do sistema destaco a música de Criolo, Boca de Lobo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jgekT-PEb6c&list=RDMMjgekT-PEb6c&start_radio=1

⁴ No videoclipe de Emicida, Eminência Parda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fXHpmuPJ4Ks>



Fonte: Extra Classe.

Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/humor/quadrinhos/2007/03/rango-o-anti-heroi-brasileiro-esta-de-volta/>

Pescarias (obrigatórias) vem, pescarias vão e, nos poucos diálogos que tinha com meu pai, ele dizia que eu deveria estudar, pois a única coisa que ele poderia me deixar seria o calão⁵ da rede, me deixando assim uma certeza. Num primeiro momento aquelas palavras entravam e saiam da minha cachola, mas ao vivenciar a perversidade do sistema para aqueles que são desprivilegiados sociais, a ideia de estudar pareceu-me mais atrativa.

E assim foi até o momento em que meu pai teve um AVC e assim tive de parar de estudar e ajudar com as despesas da casa. Ao passar por isso tive a certeza do que meu pai há tempos atrás tentou me mostrar. E assim voltei a estudar na primeira oportunidade que tive, chegando até a faculdade, tendo de resistir e superar diversos obstáculos para isso⁶.

⁵ Bastão feito de taquara em que é preso à rede de arrasto, chamada *coca*, onde é amarrado, o *puxador*, um tipo de cinto que facilita o trabalho.

⁶ *El aguante*, da banda Calle 13 apresenta a necessidade e obrigação em resistir. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LUk73pUe9i4>.



Fonte: Na Raiz.

Disponível em: https://naraiz.files.wordpress.com/2014/03/1098134_725990984102147_144811052_n.jpg

Em diversos momentos desta trajetória me vi cansado, desesperançoso e em muitas vezes quase desisti, seja por consequências de minhas ações, seja por essas coisas dos governos... aqui e acolá. Mas a vida é assim: oscilante, dinâmica e instável e sob tais circunstâncias vivemos, ora anônimos⁷, ora buscando o máximo da vida em nossos mundos⁸.

Em suma, acredito, enquanto apresento estas mal traçadas linhas, que por mais difícil que as coisas estejam elas podem melhorar, tendo como plano de fundo ações individuais que reflitam em prol do coletivo⁹ e isso não é positividade tóxica.

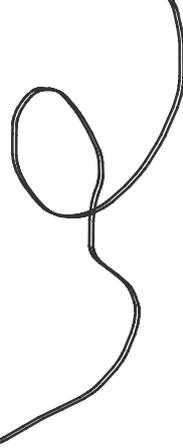
Referências

As referências para minha escrita têm como base uma série de pensadores importantes para minha formação, os quais posso destacar

⁷ *La Sombra*, do artista Residente, que faz uma excelente reflexão sobre tal circunstância. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AaZSEuLkSSg>.

⁸ Calle 13, em *La vida* destaca o quanto devemos aproveitar o máximo cada momento e nossa existência. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CmP59XcbjW8>.

⁹ Na busca de um mundo melhor, Mercedes Sosa, em *Solo le Pido a Dios*, nos dá uma boa dica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eyR8CP77imA>. Em Seul, Coreia do Sul, com a revitalização do rio Cheonggyecheon temos um excelente exemplo do que os esforço coletivo pode fazer e que o videoclipe *Come back to Life*, do Pink Floyd expressa muito bem. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XuV2CN8_Qkc. E em nossas batalhas diárias podemos nos espelhar na belíssima canção de Dante Ramon Ledesma, *Sobrevivendo*, onde o que interessa é a resiliência. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nkTYpfeH6jQ>.



Eduardo Galeano com suas tocantes escritas sobre contexto da América Latina.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.

Milton Santos e suas contribuições para o entendimento geográfico, principalmente, do Brasil e América Latina sob a ótica da globalização.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, M. A. **Por uma outra globalização**: do pensamento sistêmico e uma outra consciência universal. Rio de Janeiro: Livro vira-vira, Bestbolso, 2012.

Pedrinho Guareschi, analisando o poder do coletivo e sua influência sobre cada indivíduo.

GUARESCHI, P. A. **Sociologia Crítica**: Alternativas de mudança. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

Tramas

Patrícia Binkowski

O texto parte sempre de uma trama, um conjunto de pensamentos que, aos pouquinhos, vão sendo tecidos.

Nesse livro, cada texto é uma narrativa, cada palavra é um registro quase identitário de um corpo no território.

Provocados/as por nossas aulas, cada autor e cada autora escolheu um fato, um acontecimento para nos contar.

Estes corpos-territórios se manifestam aqui pela palavra, enovelando e desenovelando experiências vividas e reunindo aspirações em prol de uma sociedade melhor e mais justa.

Nas estórias aqui entrelaçadas, vimos tristezas, angústias e impotências frente as desigualdades socioeconômicas herdadas neste país colonial, como podemos ver no texto da Raquel, que nos fala de um conselho dado quando ela ainda vivia no interior do RS: “Para de sonhar” ! Ou no texto da Simone que comenta que viver, estudar e trabalhar na roça é muito sofrido, é uma “rotina dura, pesada e cansativa”. Viver do e no campo não é tarefa fácil não, pois o “campo está em guerra”, alerta Alex.

Seja no campo ou na cidade, os efeitos do modelo hegemônico capitalista, são bem parecidos. O que se observa no Brasil de 2022, marcado pela pandemia da Covid-19, é a volta da fome e da miséria. “Não há bolsa Brasil que segure a barriga vazia”, lamenta Daiane L. T. Segundo o texto do Rafael, o Capitalismo continua agindo, colonizando “não só lugares e relações de trabalho, mas também pensamentos”. Da mesma forma, é o que deflagra o Moisés quando nos relata que as “torres do condomínio possuem quatro andares, que não representam somente a localização física no prédio, mas uma divisão implícita de classes sociais, castas, categorias”. Para Alexandre, o “Capitalismo é um processo que se sustenta explorando os lugares, as pessoas e também os recursos naturais”.

Por mais que estejamos “No papel do Pacato Cidadão”, como disse a Ketrin, existe também movimentos de superação e (r)existência.

É dessa forma que um grito atravessa a página do texto da Nubiana: “Acordemo-nos” !

Andressa aproveita para dizer que na “vida é preciso força e movimento”. Já, a Daiane L.T. nos propõe: “Pintai a aquarela de novo”. Assim como a Valesca sentiu que na sua vida “uma reconstrução foi necessária”, parece que a pandemia nos fez “enxergar que o mutualismo é uma ideia-força incontestável” (Rafael). Na esteira dessa “sociedade de consumo com suas demandas sem sentido?”, a Gabriela acredita que o bom senso há de vingar e o Jeferson espera ansioso que a Necropolítica esteja com seus dias contados. Assim também espero!

Dentro “Dos inúmeros conflitos que permeiam a sociedade e que cultivam suas contradições insustentáveis”, a Julia olha “o conflito como possibilidade, como abertura de um movimento, e com o desejo de fazer do conflito indicativo de mudança”.

Te chamaram “DOIDA” Daiane D. L.? Não esmoreça! Você é só mais uma mulher “MABALARISTA, EQUILIBRISTA” que garante a sanidade para seguir a vida.

Alexandre, concordo plenamente contigo: “[...] por mais difícil que as coisas estejam elas podem melhorar, tendo como plano de fundo ações individuais que reflitam em prol do coletivo”.

Se formos tecer um único fio que perpassa e sintetiza cada texto aqui apresentado, chegamos no anseio coletivo por mudança social, que só pode ser conquistada, se te abrires às tramas da política do sensível.

Para mim, escrever é ocupar o território!

